

# TRANSTORNOS ALIMENTARES EM ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO: UM ESTUDO DE REVISÃO

2019

**Maitene Ferreira da Conceição Santos**  
Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde  
Universidade Federal do Sul da Bahia (Brasil)  
[maitene.santos09@gmail.com](mailto:maitene.santos09@gmail.com)

**Zaine Nisa Vieira**  
Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde  
Universidade Federal do Sul da Bahia (Brasil)  
[zainenisa@gmail.com](mailto:zainenisa@gmail.com)

**Edicléssia Araújo Souza**  
Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela  
Universidade Federal do Sul da Bahia (Brasil)  
[ediclessiasouza@gmail.com](mailto:ediclessiasouza@gmail.com)

**Cristiano da Silveira Longo**  
Professor Associado da  
Universidade Federal do Sul da Bahia (Brasil)  
[cristianodasilveiralongo@gmail.com](mailto:cristianodasilveiralongo@gmail.com)

---

## RESUMO

O presente estudo apresenta uma breve discussão e revisão da literatura científica acerca dos Transtornos Alimentares (TA) em adolescentes do sexo feminino. Por meio de uma sucinta revisão buscou-se a caracterização da Anorexia Nervosa e Bulimia Nervosa, além da identificação dos fatores de risco associados a essas psicopatologias. A revisão sistemática foi realizada na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e no Google Acadêmico, por meio da combinação dos termos “transtornos alimentares”, “anorexia nervosa”, “bulimia nervosa”, e com os filtros de busca “adolescentes” e “feminino”, limitando-se ao idioma português. Foram considerados os artigos publicados entre 2007 e 2019 sendo selecionados os que analisaram desde o comportamento alimentar relacionado aos TA até os aspectos socioculturais familiares, biológicos, psicológicos. Constatou-se que tais TA mostraram-se comuns na adolescência devido essa ser uma fase de grande vulnerabilidade emocional, fazendo com que estejam também suscetíveis ao desenvolvimento de outras

psicopatologias como a Depressão, em decorrência da adoção de um comportamento introspectivo. Assim, a partir do revisão foi possível identificar a escassez de estudos recentes, bem como com ênfase na relação entre aspectos psicológicos dentro dos quadros de TA.

**Palavras-chave:** Transtornos alimentares, anorexia nervosa, bulimia nervosa, adolescência, comportamentos de risco.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



---

## INTRODUÇÃO

De acordo com o *Diagnostic and Statistical Manual, V edition* [DSM-V] (2013), os Transtornos Alimentares se caracterizam por uma desordem no comportamento alimentar que tem como consequência o consumo ou absorção de alimentos de forma alterada, ocasionando uma disfunção que coloca em risco a saúde e o funcionamento psicossocial. Dentre esses TA estão a Anorexia Nervosa (AN) e Bulimia Nervosa (BN). A AN é descrita pela restrição alimentar severa, que leva a um peso corporal significativamente baixo, medo excessivo de engordar mesmo estando abaixo do índice de massa corporal (IMC), distorção da imagem corporal e, em alguns casos, episódios bulílios, podendo ser do tipo restritivo ou purgativo. A BN se caracteriza pela compulsão na ingestão alimentar e comportamento purgativo com a finalidade de evitar o ganho de peso, preocupação excessiva com a forma corporal, podendo ser do tipo purgativo ou sem purgação.

Os Transtornos Alimentares (TA) são doenças graves e que caracterizam-se por desvios do comportamento alimentar, podendo levar desde o emagrecimento extremo à obesidade, acarretando grandes consequências à saúde. São patologias de prognóstico reservado que provocam elevados índices de letalidade e levam à limitações físicas, emocionais e sociais (Abreu & Cangelli, 2005).

Dentre as categorias de TA, a Anorexia Nervosa (AN) e Bulimia Nervosa (BN) destacam-se na contemporaneidade em detrimento de uma incidência progressiva. Uma das principais características observadas entre as pessoas acometidas é a obsessão massiva pelo conceito de



*perfeição* que se sintoniza em uma população sistematicamente preocupada com a estética corporal.

Alguns autores chamam a atenção para a prevalência dessas patologias em adolescentes, em especial do sexo biológico feminino (Vilela, Lamounier, Dellaretti, Barros Neto & Horta 2004; Dunker, Fernandes & Carreira Filho 2009). A anorexia nervosa é vinte vezes mais frequente em mulheres, afetando uma em cada 100 a 200 meninas entre 12 e 18 anos, com risco de morte presente entre 5% a 18% dos casos. Em relação à bulimia nervosa, há uma frequência dez vezes maior neste gênero; no que tange à sua manifestação, apresenta ser mais tardia, por volta dos 25 aos 30 anos, com uma incidência em torno de 5% a 10% (Pedrinola, 2012).

A partir disso, o estudo objetivou discutir e investigar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, como se configura a multifatorialidade que influencia e propicia o desenvolvimento dos quadros de TA, compreendendo aspectos socioculturais, familiares, biológicos e principalmente, psicológicos. Partiu-se da hipótese de que as adolescentes são mais suscetíveis, diante da vulnerabilidade emocional muitas vezes característica da puberdade. Ademais, presume-se que características comportamentais como introspectividade e isolamento, algumas vezes apresentadas em meninas acometidas por essas patologias, demonstrariam uma possível relação entre TA e o desenvolvimento de outros transtornos psicológicos, como os quadros depressivos.

Este estudo justifica-se diante da grande necessidade de compreender como se estabelecem os quadros de TA, sobretudo devido ao fato de que a faixa etária mais afetada corresponde ao período da adolescência e as vulnerabilidades dessa fase, bem como a dificuldade na busca tratamento médico, que tem como consequência o impedimento de diagnósticos mais precisos dos casos no Brasil. Evidencia-se ainda certa invisibilidade da temática na sociedade. Assim, esta pesquisa buscou dimensionar a problemática tendo em vista a escassez de estudos recentes, bem como de abordagens com destaque para a relação entre TA e aspectos psicológicos.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho foi elaborado a partir de uma revisão da literatura nas bases Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Google Acadêmico, sendo que a primeira indexa diversas outras bases, constituindo-se este como motivo principal em utilizá-la. Incluiu-se o período de 2007 a 2019, partindo da seguinte questão norteadora: quais são comportamentos e fatores de risco associados ao desenvolvimento dos transtornos alimentares (anorexia nervosa e bulimia nervosa) em adolescentes do sexo feminino e como os quadros depressivos podem se relacionar a esses transtornos?

As palavras-chave utilizadas para a busca na BVS foram: “transtornos alimentares”, aplicados filtros como “anorexia nervosa”, “bulimia nervosa”, “imagem corporal”, “adolescente”, “auto imagem”, “percepção” e “meios de comunicação de massa”. Encontrou-se um total de 85 documentos, e desse total foram selecionados 9 artigos e uma tese. A fim de uma análise mais específica acerca da associação dos transtornos alimentares com quadros depressivos, foi feita ainda na base BVS uma segunda busca, utilizando as mesmas palavras-chave, refinando a partir dos filtros de “texto completo”, “anorexia nervosa”, “bulimia nervosa”, “feminino”, “adolescente”, idioma “português”, e selecionados os anos de 2011 a 2015, e como tipo de documento “artigo”, obtendo-se um total de 31 artigos. Desse total apenas 5 faziam alusão à depressão e TA, e após suas leituras 2 foram selecionados com o propósito de complementar a análise.

Por fim, na base Google Acadêmico pesquisou-se “Bulimia Nervosa Anorexia Nervosa em adolescentes do sexo feminino”, “Transtornos alimentares imagem corporal”, utilizando os filtros de classificação por ano (2007 à 2019), idioma e relevância. Dessa forma obteve-se o total de 43 documentos, e após leitura dos resumos foram selecionados outros 2 artigos.

Somando-se todas as bases de dados, obteve-se um total de 157 documentos, sendo 13 o número total utilizado para essa revisão: Siqueira e Faria (2007), Zorzan e Chagas (2011), Fonseca, Bagnoli, Neves e Baracat (2012), Fortes, Amaral e Ferreira (2013), Gonçalves, Moreira, Trindade e Fiates (2013), Leal (2013), Oliveira-Cardoso e Santos (2014), Gonzalez, Sacomane e Rondina (2014), Tilio (2014), Moura, Santos e Ribeiro (2015), Uzunian e Vitalle (2015), Jesus e Oliveira (2017), e Veras, Ximenes, Vasconcelos e Medeiros (2018). Foram critérios de inclusão (a) artigos que mencionassem de alguma forma ou incluíssem adolescentes, preferencialmente do sexo feminino, (b) estudos que explicassem a multifatorialidade dos transtornos, incluindo também os que tivessem enfoque em apenas um ou mais fatores, (c) estudos publicados nos últimos 10 anos e (d) artigos publicados em português. Foram critérios de exclusão, documentos que não atendessem a nenhum desses requisitos e não contribuíssem de nenhuma forma para com a pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão sistemática realizada, evidencia-se que os TA possuem etiologia multifatorial, sendo determinados por fatores que podem ser socioculturais, familiares, biológicos ou psicológicos, podendo interagir entre si e influenciando no desenvolvimento dos quadros completos. Eles se subdividem em predisposição, precipitantes e mantenedores (Leal, 2013).

Quanto à prevalência, conforme já apontado, ressalta-se a grande vulnerabilidade de adolescentes principalmente do sexo feminino. De acordo com um estudo do *National Institute of Mental Health* [NIMH] (2017), estima-se que 70 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de

algum tipo de transtorno alimentar. O índice de mortes provocado por esses transtornos é alto: entre 18% e 20%. O *National Eating Disorder Information Centre* do Canadá [NEDIC] (2014), indica estudos em que a taxa de mortes relacionadas à anorexia em mulheres entre 15 a 24 anos é expressivamente maior se comparado a outros distúrbios psiquiátricos. Ressalta-se que os dados estatísticos para o Brasil ainda são escassos.

Conforme o artigo 2º da Lei n.º 8.069, de 13/7/1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência compreende a faixa entre doze e dezoito anos de idade. Esta é uma fase de intensas transformações sociais, psicológicas, comportamentais e principalmente corporais. Trata-se de um momento da vida em que o adolescente está em uma constante busca por aceitação no círculo social. Nesta fase estão as comparações e espelhamentos, implicando em aspectos de diferenciação e separação gerador de angústia. Aqui se fazem presentes influências decorrentes do convívio com família, amigos, mídia e pela pressão social, que irão refletir diretamente na construção da imagem corporal. As vivências construídas desde o nascimento irão prescrever a forma como o indivíduo constrói a imagem de seu próprio corpo, como irá nomeá-lo e a forma como se relaciona com o mundo. Além disso, as reações dos pais e colegas frente às transformações do processo biológico da puberdade também desencadeiam importantes informações acerca da e na imagem corporal das adolescentes e na sua capacidade em enfrentar as mais diversas situações sociais (Leal, 2013; Uzunian & Vitale, 2015).

Assim, de acordo com os estudos, cabe discutir os fatores socioculturais onde a mídia representa um papel fundamental, ao passo que se interliga aos outros fatores, ampliando ainda mais os comportamentos de riscos ao desenvolvimento de TA, visto que está inteiramente associado à insatisfação corporal em adolescentes, ao passo que disseminam estereótipos estéticos e apresentam informações em massa, fazendo a associação deste ideal com ascensão e aceitação social (Tilio, 2014; Siqueira & Faria, 2007).

A contemporaneidade está marcada pela alta velocidade do crescimento tecnológico, promovendo o acesso mais rápido e mais fácil às informações pela valorização da estética e dos prazeres mais efêmeros. Sites que ensinam técnicas de purgação e outras formas para emagrecer têm sido cada vez mais comuns voltados principalmente às adolescentes. O corpo feminino está imerso na era da tecnologia e produção em massa como uma moeda de compra (Gonçalves, Moreira, Trindade & Fiates, 2013). A este respeito, apontam Zorzan e Chagas (2011, p.15):

Assim, na atualidade, portar um corpo belo, pautado por ideais de perfeição utópicos, está vinculado à ideia de felicidade, de sucesso e de *status* social. Tais preceitos referentes ao padrão corporal feminino são reforçados incessantemente pela mídia, através de imagens do belo corpo vinculadas com prestígio e aceitação social. Isso contribui para que mulheres travem uma batalha contra o corpo herdado, buscando transformá-lo segundo os

padrões de beleza valorizados pela sociedade contemporânea, alienando-se em imagens e discursos que, através de simulacros, oferecem a ideia de felicidade e de sucesso a quem consumir toda sorte de produtos e técnicas de beleza para adequar-se ao corpo da moda, que nada mais é que um corpo vítima da moral de consumo de uma sociedade capitalista.

O belo é normatizado desde os primórdios dos regimes patriarcais. No Brasil, desde a Independência até os dias atuais, os modelos de beleza têm se modificado e se adaptado ao contexto econômico, social, político e histórico. O corpo feminino é, ainda hoje, um dos valores mais importantes na crescente indústria estética corporal, sendo esse um dos maiores mercados de consumo (Gonçalves et al. 2013).

Quando se trata da construção da imagem corporal feminina, aponta-se que há uma limitação da mulher à um posicionamento social, pois ela é formada dentro de uma cultura que define qual é seu papel. No corpo feminino são inscritos ideais, crenças e imagens. Se a valorização social for de uma pessoa magra, logo emagrecer será o ideal distribuído a todos. Aqueles que não conseguem chegar a este padrão desejado estão suscetíveis ao sofrimento psíquico. Segundo Tilio (2014, p.148), “a contemporaneidade oculta um complexo sistema de vigilância e punições àqueles que não se enquadram aos ideais de beleza estabelecidos pelas regras sociais impostas/reforçadas pelo discurso midiático”. O autor afirma ainda que:

Todo veículo de comunicação e mídia distribui de relações de poder simbólicas, atreladas a valores econômicos tornando-as produtos para o consumo, ou seja, as mídias transformam as formas simbólicas (no caso, ideais de beleza e de feminilidade) em bens simbólicos (vestimentas, adereços, formas do corpo etc.) que vão ser consumidos pela sociedade (Tilio, 2014, p.149).

É nesse processo que adolescentes e jovens são estimuladas a seguirem padrões estéticos e normas ditadas, que serão difíceis de serem alcançadas. As formas veiculadas pela mídia impõem produtos que prometem dar a essas meninas formas de alcançar esse ideal de maneira rápida, enfatizando o foco nesta fase da vida, a fim de estabelecer uma tática de dominação e opressão do gênero feminino, como um ciclo sem fim. A mídia apresenta uma falsa ilusão de que é possível modificar facilmente o tamanho e formato do corpo, segundo a vontade pessoal (Tilio, 2014).

O corpo encontra na mídia um espaço em que representações acerca de si são construídas e reproduzidas, a partir de anúncios publicitários, textos jornalísticos, fotos e ilustrações na televisão e, principalmente, na internet. A televisão e o cinema exploram amplamente as modificações corporais e a aparência feminina, mudam os estereótipos, porém com a proposta de sempre apresentar o corpo da época, numa tentativa de apresentar a *mulher contemporânea* e moderna, de

modo que assim assumem um papel educador/formador, no dever de mostrar, exhibir e propagar como o leitor deve reagir perante o consumo dos ideais, dos produtos e comportamentos certos. Como afirmam ainda Siqueira e Faria (2007, p.173), “corpo aqui não é pensado de modo complexo, de forma holística, de maneira pluridisciplinar. Corpo é aparência física, e essa aparência tende a ser objeto de consumo que gera mais consumo”.

Os meios de comunicação e mídia produzem um grande dilema, no qual as adolescentes vivem intensamente, ao passo que as informações propagadas são sempre contraditórias. Em um dado momento apresentando perigos decorrentes da ingestão de certos alimentos e a necessidade de atividades físicas na busca de uma vida com saúde, valorizando o corpo magro, levando ao que Jesus e Oliveira (2017) irão chamar de “*terrorismo alimentar*”. Ao mesmo tempo, propagam imagens de alimentos atraentes e não saudáveis, como alimentos *fastfood*. Em alguns casos, o insucesso na resolução desta dicotomia gera um descontentamento que propicia o consumo excessivo como escape emocional. Diante disso, os adolescentes vivem em meio à probabilidade de sucumbir a um, ou a outro, correndo riscos de desenvolver tanto AN quanto BN, e principalmente a obesidade.

A partir dos estudos citados, evidencia-se como a supervalorização de padrões estéticos desencadeia preocupações com o peso e sentimentos como dúvida, medo, insatisfação e culpa, comportamentos estes de risco para desenvolvimento de TA. Outro fator a ser considerado é o de que adolescentes muitas vezes não veem de forma crítica como a mídia se insere na construção de suas concepções gerais, de modo que muitos naturalizam esses comportamentos (Gonçalves, et al. 2013; Leal, 2013).

Em outra perspectiva, apresentada por Leal (2013, p.40), “a psicodinâmica familiar é um elemento central na determinação, no desenvolvimento e na manutenção dos TA”. Os pais possuem uma grande influência nesta fase da vida, no desenvolvimento de traços e de personalidades individuais, características físicas e tendências de comportamento, principalmente nos hábitos alimentares de seus filhos. A relação que possuem com a comida, os modelos de alimentação que apresentam, a quantidade e qualidade da comida oferecida a eles, resultam em fatores que podem ser positivos ou negativos, ao passo que, a partir dessas influências, os adolescentes constroem concepções acerca da alimentação. No entanto, quando os pais são perfeccionistas e as mães internalizam o padrão de magreza como sinônimo de realização pessoal, adotando práticas radicais por medo de engordar, isso irá refletir-se na relação que terão com seus filhos (Leal, 2013; Moura, Santos & Ribeiro, 2015).

Os estudos na área indicam que as condutas familiares podem, muitas vezes, serem fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares. Diante disso, é de suma importância que os pais se apresentem seguros e satisfeitos com seus corpos, indicando influências saudáveis

para os adolescentes, diante do intenso conflito de formação da imagem corporal nesta fase (Leal, 2013; Uzunian & Vitalle, 2015).

Com o início da vida escolar, há um distanciamento dos pais de seus filhos, de modo que os amigos e o grupos de adolescentes que convivem juntos irão assumir maior relevância, interferindo nas escolhas, valores, atributos sociais e características físicas. É no âmbito escolar em que haverá uma maior influência de amigas na prática de dietas. Além disso, adolescentes que idealizam a magreza com o objetivo de aumentar sua rede amigos são ainda mais predispostas a realizarem dietas e terem mais preocupações com seu peso, aumentando a prevalência de práticas não saudáveis para a perda de peso. Nesse ambiente o espelhamento que antes ocorria com os pais passa a ocorrer com os amigos, tanto no tocante à aparência quanto em relação aos atributos sociais, de modo que ocorre a internalização desses padrões por várias adolescentes, modificando o comportamento alimentar (Leal, 2013; Uzunian & Vitalle, 2015).

Além das vulnerabilidades da fase adolescente já apresentadas, um outro fator de risco fortemente associado a essa faixa etária é o suicídio. Diante da grande carga emocional advinda das inúmeras mudanças, há uma maior sensibilidade que ocasiona riscos de comportamentos imprudentes. Salienta-se um alto índice de suicídio como uma das principais causas de morbimortalidade entre os adolescentes e jovens, podendo afetar entre 25% a 52% dos indivíduos com AN e BN. Acredita-se que 20% a 40% das mortes na AN decorrem de suicídio, sendo que pacientes com AN possuem 23 vezes mais riscos de suicídio completo, em comparação a população geral (Veras, Ximenes, Vasconcelos, Medeiros & Sougey, 2018).

Dentre os aspectos psicológicos característicos destes TAs estão sentimentos como a ansiedade, o desgosto, o medo, a tristeza e, em alguns casos, a vergonha. Pessoas com AN possuem características como obsessividade, perfeccionismo, introversão e altos níveis de ansiedade, costumam ser extremamente rígidas e exigentes com sua alimentação, e possuem um intenso desejo de dominar o próprio corpo, escondendo um conflito subjacente, que seria a busca pelo controle em sua totalidade. Dificilmente expressam sentimentos como raiva e tristeza, pois, em sua concepção, seriam formas de apresentar fraquezas ou imperfeições. Pessoas com BN podem apresentar sintomas como depressão, raiva e desgosto, além de apresentarem dificuldade em estabelecer relações sociais saudáveis. A impulsividade e a instabilidade afetiva são apontadas como os aspectos centrais do temperamento dessas pessoas. Além disso, tendem a ter um intenso sentimento de frustração diante da falha em exercer controle. São pessoas mais impulsivas e desorganizadas (Leal, 2013; Uzunian & Vitalle, 2015). Ao descreverem as características psicodinâmicas dos TA, Oliveira-Cardoso e Santos (2014, p. 210) afirmam que:

Como traços característicos das pessoas que desenvolvem algum tipo de TA, figuram: tendência à segregação e ao isolamento social, implicando na deterioração da qualidade e



regularidade das relações sociais, humor depressivo, invasão dos afetos – que desorganizam o funcionamento intelectual, com prejuízos marcantes na adaptação individual e depreciação da qualidade de vida (Oliveira & Santos, 2006), bem como dificuldade em identificar as próprias emoções ou em ser empático em relação à emoção do outro (Bydlowski e cols., 2005).

A depressão é considerada por muitos pesquisadores um comportamento de risco para os transtornos alimentares. Segundo Fortes, Amaral e Ferreira (2013), estudos nacionais nos últimos anos teriam apontado a mídia como principal responsável por essas situações. Pesquisas demonstram ainda que a prevalência de sintomas depressivos teria aumentado principalmente na população feminina, que a partir desses sintomas, tendem a adotar esses comportamentos que desencadeiam quadros de TA (Fortes, Amaral & Ferreira, 2013).

A depressão é tida como uma característica central dos transtornos alimentares; podendo afetar 25-52% dos indivíduos com anorexia e bulimia nervosas. O funcionamento serotoninérgico das pessoas com depressão e pessoas com transtornos alimentares são similares; com disfunção na transmissão de serotonina, principalmente entre indivíduos com anorexia nervosa abaixo do peso, e indivíduos com bulimia nervosa com compulsão elevada, ou seja, pacientes com distúrbios alimentares graves são mais deprimidos (Veras et al., 2018, p. 292).

Em suma, diversos autores apontam para o alto risco de desenvolvimento de quadros depressivos em conjunto com TA, ressaltando principalmente uma maior incidência nos casos de Bulimia Nervosa, em que após episódios purgativos ocorrem uma série de sentimentos negativos, tais como frustração, tristeza, ansiedade, tédio e solidão. Nos casos de AN os sintomas depressivos estariam associados a comportamentos obsessivos. Denota-se que pacientes com Anorexia Nervosa tendem a apresentar característica de extrema introspecção e perfeccionismo, além da repressão de sentimentos. Cabe dizer que tanto nos quadros de AN quanto em BN o uso de medicamentos antidepressivos com a finalidade de diminuição de desses sintomas tem se mostrado eficaz (Fonseca, Bagnoli, Arie, Neves & Baracat, 2012; Oliveira-Cardoso & Santos, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas essas considerações, conclui-se este estudo afirmando que a multifatorialidade característica dos TA (Anorexia Nervosa e Bulimia Nervosa) contribui para a precipitação, predisposição e manutenção desses transtornos.

Salienta-se que mesmo ficando claro em grande parte dos estudos a associação e influência midiática, a partir do ideal de beleza da indústria da moda como um dos maiores fatores para os comportamentos de risco, é preciso compreender de que forma tais aspectos impactam a psiquê dessas adolescentes. Para este fim, evidencia-se uma grande necessidade de estudos com ênfase nos aspectos psicológicos, visto que esses quadros configuram-se como causadores de um intenso sofrimento psíquico, podendo em certos casos estarem associados à outros transtornos, como a depressão, e, em situações extremas, levar ao suicídio, relação essa que foi expressa em alguns artigos, entretanto de forma superficial, o que aponta para a necessidade de maior aprofundamento no que se refere a essa relação.

Nesse sentido, denota-se que o uso de testes psicológicos podem ser instrumentos válidos a fim de analisar aspectos de personalidade, traçando um perfil que possibilita compreender em maior amplitude a psicodinâmica desses quadros, viabilizando intervenções e prevenções mais eficazes.

## REFERÊNCIAS

Abreu, C. N., & Cangelli, F.R. (2005). Anorexia nervosa e bulimia nervosa: a abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia. *Psicologia: teoria e prática*, 7(1), 153-165. Recuperado em 27 de abril de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872005000100012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872005000100012&lng=pt&tlng=pt)

American Psychiatric Association [APA]. (1994). Pervasive Developmental Disorders. In: *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-4*. (4th ed, pp. 65-78) Washington, DC: American Psychiatric Association

American Psychiatric Association [APA]. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-5*. Recuperado em 13 de abril, 2019 de <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cldfile/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeeducador/2015/DSM%20V.pdf>

Brasil. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8069, de 13-07-1990: constituição e legislação relacionada. São Paulo: Cortez; 1991.

Dunker, K.L.L., Fernandes, C.P.B., & Carreira Filho, D. (2009). Influência do nível socioeconômico sobre comportamentos de risco para transtornos alimentares em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 58(3), 156-161. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852009000300003>

Fonseca, A. M., Bagnoli, V. R., Arie, W. M. Y., Neves, E. M., & Baracat, E. C. (2012). Anorexia nervosa: revisão baseada em evidências. *Femina*, 3(40), 1661-1666. Recuperado em. <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2012/v40n3/a3268.pdf>

Fortes, L. S., Amaral, A. C. S., & Ferreira, M. E. C. (2013). Comportamento alimentar inadequado em adolescentes de Juiz de Fora. *Temas em Psicologia*, 21(2), 403-410. doi: 10.9788/TP2013.2-08

Gonçalves, J. D. A., Moreira, E. A. M., Trindade, M, E. B. S. M., & Fiates, G. M. R. (2013). Transtornos alimentares na infância e na adolescência. *Revista Paulista de Pediatria*, 31(1), 96-103. doi: 10.1590/ S0103-05822013000100016

Gonzalez, G. A. L., Sacomani J. E., & Rondina, R. C. (2014). As vivências de um grupo de pacientes com transtornos alimentares: a relação com o espelho e a imagem corporal. *Revista Subjetividades*, 14(3), 383-394. Recuperado em 27 de abril de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692014000300003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000300003&lng=pt&tlng=pt).

Jesus, B.L., & Oliveira, N.M. (2017). Transtorno alimentar em estudantes negras de Salvador: a relação com a imagem corporal. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*. 12(1):169-192.

Leal, G. V. S. (2013). *Fatores associados ao comportamento de risco para transtornos alimentares em adolescentes na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.6.2013.tde-08042013-094507. Recuperado em 2019-04-27, de [www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br)

Moura, F. E. G. A., Santos, M. A., & Ribeiro, R. P. P. (2015). A constituição da relação mãe-filha e o desenvolvimento dos transtornos alimentares. *Estudos de Psicologia*, 32(2), 233-247.

*National Eating Disorder Information Centre* [NEDIC]. (2014). Recuperado de <http://nedic.ca/know-facts/statistics>

*National Institute of Mental Health* [NIMH]. (2017). Recuperado de [https://www.nimh.nih.gov/health/statistics/eating-disorders.shtml#part\\_155063](https://www.nimh.nih.gov/health/statistics/eating-disorders.shtml#part_155063)

Oliveira-Cardoso, É. A., & Santos, M. A. (2014). Psicodinâmica dos transtornos alimentares: indicadores do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Psico-USF*, 19(2), 209-220. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-82712014019002006>

Pedrinola, Filippo. (2012). Nutrição e transtornos alimentares na adolescência. *Pediatria Moderna*, 48(7), 290-295. Recuperado de [http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id\\_ma-teria=5090](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_ma-teria=5090)

Siqueira D. C. O., & Faria A. A. (2007). Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. *Comunicação, mídia e consumo*, 4(9), 171-188. <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/95>

Tílio R. (2014). Padrões e estereótipos midiáticos na formação de ideais estéticos em adolescentes do sexo feminino. *Revista Ártemis*, 18(1):147-159. <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/22542>

Uzunian, L. G., & Vitalle, M. S. S. (2015). Habilidades sociais: fator de proteção contra transtornos alimentares em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11), 3495-3508. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.18362014>

Veras, J. L. A., Ximenes, R. C. C., Vasconcelos, F. M. N., Medeiros, B. F., & Sougey, E. B. (2018). Relação entre comportamento suicida e transtornos alimentares: uma revisão sistematizada. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 10(1), 289-294. Recuperado de <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4949>

Vilela J. E. M., Laumouer J. A., Dellaretti F. M. A, Barros Neto J. R. & Horta G. M. (2004). Transtornos alimentares em escolares. *Jornal de Pediatria*, 80(1), 49-54. <https://dx.doi.org/10.2223/JPED.1133>

Zorzan, F. S., & Chagas, A. T. S. (2011). Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? Uma reflexão sobre o valor do corpo na atualidade e a construção da subjetividade feminina. *Revista Barbarói*, 34, 161-187